Lembranças, rupturas e permanências: retorno Dekassegui e os "lugares de memória"

Regards, ruptures and continuities: return Dekassegui and "places of memory"

Aureo de Jesus Sato
Mestrando, PPGH-UDESC
aureouab@hotmail.com

Resumo: A partir da década de 80 do século XX, iniciou-se o movimento dekassegui, configurado por diversas razões motivacionais que dinamizaram o deslocamento em massa de brasileiros para o Japão. Entretanto, a partir de 2008, o número de migrantes vem reduzindo, causado por desemprego e pelo auxílio financeiro do governo japonês para os brasileiros que aceitassem em deixar o país, desde que não voltassem pelo prazo de três anos. Além da ajuda monetária, outros motivos bastante contundentes foram determinantes para que o sujeito decidisse pelo retorno ao Brasil, e neste sentido, apontamos as respectivas catástrofes: terremoto, tsunami e vazamento da usina nuclear. Enfim, a pessoa que regressa à terra natal, vivencia o conflito do entre lugares.
Palavras-chave: retorno, memória, identidade

Abstract: From the 80's of the twentieth century, began the movement Dekassegui, configured for various reasons motivating that vitalized the mass displacement of Brazil to Japan, however, from 2008, the number of migrants has been decreasing, caused by unemployment and the financial aid from the Japanese government for the Brazilians who agreed to leave the country, provided they do not return for a period of three years. In addition to monetary help, others were quite compelling reasons for determining that the subject decided by the return to Brazil, and in this sense, we point out their disasters: earthquake, tsunami and leakage of nuclear power plant. Finally, the person who returns to his homeland, experiences the conflict between places.
Keywords: feedback, memory, identity

Retorno dekassegui e os lugares de memória

A partir de meados da década de 80 do século XX, muitos brasileiros deixaram o país para trabalhar no Japão. Este processo de deslocamento social ficou conhecido como movimento dekassegui, cujo termo fora apropriado da língua japonesa, e que a princípio referia-se à pessoa que deixava temporariamente a terra natal e buscava trabalho em outra região, no período de inverno. Entretanto, a conceituação também estendeu aos brasileiros, conforme Beltrão e Sugahara (2006, p.61-62) descrevem: "No Brasil, a apropriação do termo ganhou contornos mais específicos, referindo-se aos brasileiros de origem nipônica e suas

famílias que emigram para o Japão em busca de trabalho – o chamado 'fenômeno *dekassegui*".

Concomitante a entrada de brasileiros no Japão, também houve ao longo dos anos o ingresso gradativo de pessoas procedentes de outros países da América Latina (Argentina, Peru, Bolívia, México) e o aumento de pessoas oriundas da Ásia (China, Coreia, Filipinas, Indonésia)[1], que já se encontravam presentes na sociedade nipônica. Nessa convergência de povos, configurada pelas migrações externas, as fronteiras étnicas culturais se intensificaram nos espaços de sociabilidades, isto é, em diversos locais em que comumente aglomeram os sujeitos que vivem na urbanidade: ruas, shoppings, praças, mercados etc..., nos quais, cada migrante apresenta-se diante do outro a imagem que supostamente possa o identificar como membro de uma *comunidade imaginada*. Para tanto, faz-se apelo ao uso de certas cores que lembrem a bandeira e outros símbolos nacionais, além de práticas comportamentais que assemelhem hipoteticamente a um determinado grupo social.

Nesse sentido, as idas e vindas do sujeito em trânsito, delimita o entre lugares, isto é, o conflito étnico-cultural ocupa duas esferas de percepção. O primeiro, na ida do migrante: o sujeito nota que apesar da consanguinidade e ancestralidade nipônica, o status identitário diante do olhar dos nacionais ocupa a mesma configuração dada a outros grupos sociais: de estrangeiro. Jeffrey Lesser (2001, p.297) aponta que: "No Japão, os dekasseguis são tratados como brasileiros, cujo papel é fornecer mão de obra temporária e nada mais. Essa situação faz com que muitos nikkeis se tornem brasileiros pela primeira vez". Esse constrangimento, dá-se pela dupla categorização recebida e que confere uma instável configuração de pertença nacional. No Brasil, em muitas circunstâncias relacionais entre as múltiplas presenças étnicas-culturais, o nipo-brasileiro é chamado de "japonês", indicação supostamente dada pelos aspectos bio-físicos. E, se no país de nascença existe uma prévia conceituação, o migrar para a terra dos ancestrais não finda a conceituação pejorativa e o sentimento de desterritorialidade. Lesser (ídem, p.297) exemplifica a questão da crise de identidade de um professor universitário de 37 anos que migrou em 1991 ao Japão:

> No Brasil eu sou estrangeiro. Apesar de gostar do Brasil, eu sinto que eu não tenho nacionalidade e me sinto como um cigano. Eu quero me tornar um brasileiro perfeito, mas isso é impossível. Mas, no Japão, eu me sinto como estrangeiro, também.

[1] Fonte: Japan Statistical Yearbook (2008).

Para muitos nipo-brasileiros, as dificuldades de relações sociais aumentaram porque não conseguiam se comunicar em língua japonesa, e, justamente, por pensar que se está temporariamente em outro país, como dekassegui, em muitos casos protelava-se a aprendizagem pela expectativa de um breve retorno à terra natal. Neste sentido, o migrante objetiva em acumular dinheiro o mais rápido possível para retornar ao Brasil, porém, a satisfação pessoal ancorada em bens materiais torna-se teleológica, a expectativa do fim em si jamais se atinge e o que se verifica ao longo do tempo é um pseudo pertencimento social, propiciado pelas ofertas e acessibilidades de consumo. Assim, o sujeito acaba por se inserir no ciclo consumista, e, desta maneira, a adaptação ao meio social se faz paulatinamente, acostumando e moldando o corpo aos prazeres propiciados pelo conforto de serviços e produtos da urbanidade.

O segundo conflito acontece com o sujeito que retorna para o lugar de procedência, isto é, para a sociedade em que vivia antes de emigrar. A partir de 2008, o número de cidadãos brasileiros vem reduzindo na sociedade japonesa, que apresentou 312.582 pessoas no ano de 2008 e 267.456 para o ano de 2009[2]. Isto causado pelo desemprego, e, auxílio financeiro do governo japonês para aqueles que optassem por deixar o país, desde que, não retornassem ao Japão pelo prazo de três anos. Ao voltar, os signos coletivos são reavaliados e diversos símbolos valorativos que o caracterizavam como membro da comunidade, desmantela-se, diante da transformação inerente que todo grupo social está condicionado no *continuum* processo de edificação identitária, que dão sentido para o indivíduo e para o grupo, evidente que, ao longo do tempo. Halbwachs (2004, p.38-39) diz:

> Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade.

As mudanças sócio culturais ocorridas entre espaços distintos, e, diante da experiência cosmopolitizada adquirida pelo migrante, direciona à conflitiva situação do ficar ou voltar, vivenciada entre a comunidade deixada e a encontrada. Ao regressar para o Brasil, o simples ato do lavar-se modifica, pois o *modus vivendi* nipônico no uso do ofurô torna-se um

[2] Fonte: Ministério da Justiça do Japão in: Associação Brasileira de Dekasseguis.

acessório que a maioria dos dekasseguis não conseguem manter como prática de acesso. Esse conforto possibilitava o usufruir da "cidadania cultural", isto é, o pertencimento social pelo uso de determinados objetos de consumo. Segundo Néstor Garcia Canclini (2007, p.30): "A época globalizada é esta em que, além de nos relacionarmos efetivamente com muitas sociedades, podemos situar nossa fantasia em múltiplos cenários ao mesmo tempo". Nesse sentido, ao retornar para o Brasil, das múltiplas experiências vivenciadas por brasileiros que estiveram no Japão, constrói-se uma representação do vivenciado pela oralidade individual, cuja narrativa direciona-se ao "enquadramento da memória coletiva". E, nesta relação de sujeito e grupo, Halbwachs (2004, p.55) afirma que:

> Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que eu ali ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

Nesse suposto compartilhamento de jogo identitário de um determinado grupo social ao longo do tempo, direciona-se no pressuposto hipotético apontado por Ricoeur (2007, p.96-124), sobre o conceito da pré-narratividade, a mimesi prefigurativa, e neste caso específico migratório cria-se uma historicidade reforçada pela experiência e narrativa dos retornados, onde cada migrante, inseri a posteriori, um fragmento de sua vida peregrina no construto histórico, e nesta linha de raciocínio, a narrativa coletiva confere autenticidade e sentido para a memória individual.

Ao longo da década de 90 do século XX, houve a entrada significativa de diversas etnias migratórias[3] no arquipélago nipônico, e em consequência desta demanda muitos brasileiros ficaram desempregados. Neste sentido, as lembranças do migrante, dialoga na maioria dos casos com o mundo do trabalho, porém, mesmo para os brasileiros que tinham uma colocação laboral, aconteceram outras dificuldades peculiares que os fizeram regressar, dentre as quais, destacamos o terremoto, a tsunami e o vazamento da usina nuclear de Fukushima, ocorrido em 2011. Estas constantes crises nos primeiros anos do século XXI, configuram-se nas incertezas que o sujeito pós-moderno vivencia, e conforme apontamos nesta abordagem, as fronteiras e experiências do migrante. Se na perspectiva dos pensadores

[3] No arquipélago japonês há um excedente de mão de obra provenientes da China, Coréia, Filipinas, Peru, Argentina e de outros países. Os brasileiros se apresentam como o terceiro maior grupo, antecedidos por chineses e coreanos. Fonte: Japan Statistical Yearbook (2008).

esclarecidos do século XVIII pressupunha compreender um pouco melhor a respeito do sujeito e do mundo que o circundava, as instabilidades de quem somos e do que nos rodeia categoriza no grande conflito da História do Tempo Presente, período em que o alargamento das incertezas está escancaradamente diante de quem vivencia o encurtamento de espaço e tempo, propiciado pelos avanços da tecnologia. Com a mundialização, a desterritorialização do sujeito acentuou a categorização identitária sob outros atributos, dentre as quais, o afastamento às relações e signos anteriormente fundamentados. Desse modo, o migrante entra em atrito justamente por estar em trânsito, onde busca espaço e sentido para a vida.

E das diversas experiências vivenciadas, algumas pessoas trazem a nostalgia e a feliz recordação, das quais o sujeito deseja continuamente em voltar ao lugar de configuração, ou seja, na sociedade que proporcionou as conquistas materiais e imateriais de quem buscava "horizontes de expectativas". Enfim, este trabalho não tem a pretensão de reconstruir o passado, mas conhecer um pouco mais sobre o processo de construção da identidade étnico cultural, a partir de um de seus referenciais, o deslocamento social dos dekasseguis para outro país e o regresso à terra natal, bem como, nas construções de signos que são edificados no retorno ao país.

Lembranças dos retornados: rupturas e permanências

Alessandro Portelli (1997, p. 31) diz que " Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez". E nesta metodologia de pesquisa, relataremos a seguir, o depoimento de três brasileiras que estiveram no Japão, que lembram e mantém algumas práticas culturais da sociedade japonesa nos usos e costumes cotidianos. Estas entrevistas foram feitas em agosto de 2011 na cidade de Curitiba. Para uma melhor compreensão textual, alguns vícios de linguagens e sons onomatopeicos foram omitidos, porém, buscou-se manter a escrita o mais próximo da fala.

A dekassegui G. H.[4] (2011) retornou ao Brasil por causa da gravidez, razão que antecipou sua volta em 1997. Esteve no Japão por duas vezes, entre 1989 a 1990 e de 1993 a 1997. Ao fazer uma análise do processo emigratório, pontua que o lado positivo foi que "muitas pessoas tiveram sucesso como empreendedor" e muitos migrantes "conseguiram

[4] Depoimento feito em agosto de 2011 na cidade de Curitiba. O nome da entrevistada será apontado com letras a fim de resguardar seu anonimato.

pagar seus estudos". Do lado negativo, diz que muitas famílias se separaram com o fluxo, "os laços de família, marido e mulher separados ou os pais separados dos filhos [...]", e mesmo após o retorno, há uma contundente desvantagem, isto é, não poder recuperar o tempo perdido, como a ausência junto ao filho. Ao lembrar do momento de deixar a sociedade japonesa, diz:

> [...] eu fui com intenção de ficar um ano, acabei ficando quase quatro anos, faltou um mês pra completar quatro anos, mas a minha intenção falei pros meus pais volto em um ano, fiquei mais tempo e se eu não tivesse né, por motivo de gravidez né num, se não foi por isso eu teria ficado mais.

Entre 1989 a 1990, G. H. foi ao Japão como estudante bolsista, e através da experiência que passou da primeira vez na sociedade japonesa, retornou alguns anos depois para trabalhar como dekassegui, em 1993. Ao recordar da receptividade dada pelos japoneses, conta que:

> É, quando eu fui pela primeira vez, eu fui em condições...em uma condição diferente, eu fui como bolsista, fui estudar então eu fui é o tratamento era diferente eu fui assim muito protegida pela sociedade japonesa, mas a segunda vez que eu fui quando eu fui trabalhar eu já tive uma outra experiência uma outra visão...é...é como que eu falo é...é... os quatro anos que eu fiquei no Japão é...eu tive oportunidade de aprender com o japonês como que é como que eles vive realmente é a sociedade deles né a cultura é... as tradições o idioma que eu aprendi aperfeiçoei bastante e ah ah eu fui assim tipo né... fui bem aceita porque eu já dominava o idioma e antes de eu ir pra Japão na segunda vez eu já trabalhava como professora de língua japonesa né...e então eu não tive problema de idioma.

Segundo G. H., a capacidade de se comunicar facilitou sua adaptação social, além de outros atributos culturais que mantinha no Brasil antes de emigrar que contribuíram para sua convivência no Japão. Conforme depoimento a seguir:

> Entrevistador: […] como que você foi recebida e o que motivou a tua ida?
> G. H.: Bom, é então tá, na segunda vez que eu fui claro foi é principalmente por causa da primeira experiência que eu realmente queria voltar ao Japão, e eu queria morar lá, viver no Japão, é... e era como se eu tivesse voltando pra minha casa, porque eu ter uma é uma educação bastante tradicional aqui no Brasil, de uma família bastante tradicional de japonês, é...morei com meus avós, morei numa família que quando era pequena era obrigada a falar o japonês em casa, então segunda vez que eu fui, foi bem fácil, fui bem

> recebida pelos japoneses que pelo né...eu não tinha muita dificuldade no idioma […].
> Entrevistador: Se comunicar?
> G. H.: É... exatamente, né...não tive problema, e eu já sabia mais ou menos como que era, é...o comportamento dos japoneses, mas eu, é...é fui mais porque eu tinha essa vontade...essa necessidade de voltar pro Japão. Tinha...
> Entrevistador: Por que essa necessidade?
> G. H.: Eu não sei se é porque, até hoje eu assim às vezes eu penso, é... se alguém perguntar assim pra mim – Você quer ir de novo pro Japão? Eu quero...
> Entrevistador: Tem vontade de ir?
> G. H.: Tenho...
> Entrevistador: Mas pra morar?
> G.H.: Sim... mas eu não volto hoje por causa do meu filho, né...meu filho já tá com treze anos, pelo estudo dele, eu quero que continue aqui, eu quero que eles né...mas eu tenho, eu tenho, eu sinto, que eu tenho alguma ligação no Japão...
> Entrevistador: E como você se vestia lá, você tinha assim algum habito de consumo, roupas, perfumes?
> G. H..: Ah tá, quando eu estive lá eu na verdade virei uma japonesa, as duas a as empreiteira é a primeira empreiteira minha tinha uniforme e era uniforme de japonesa mesmo, eu aprendi nessa empreiteira uma amiga japonesa me né a maquiar como japonesa, prender o cabelo, andar como japonesa, falar como japonesa e eu até enganava os japoneses eles achavam que eu era uma japonesa, quando eu falava que meu nome era G., mas eu eu acabei me como que eu falo me envolvendo tanto assim com nihonjin com japoneses que eu me sentia uma japonesa lá, eu falava assim gestos sabe aqueles né gestos que a gente tem até no telefone (Entrevistador – o jeito de...) é de japonês (Entrevistador – japonês) peguei tudo, peguei todas as manias de japonês.

E ao lembrar dos momentos mais árduos que vivenciou na sociedade japonesa, G.H. narra das experiências que presenciou como tradutora, ao intermediar o contato entre brasileiros e japoneses a respeito de saúde.

> Entrevistador: E assim, quais são as suas lembranças mais difíceis do Japão, o que te lembra mais?
> (G.H. – difícil)
> G.H.: Na verdade eu acho que quando eu trabalhei, assim como tradutora a gente acompanha bastante os brasileiros pra ir pro hospital, clinica, eu tive algumas experiências com algumas pessoas assim foram bastante é pesadas, assim sabe nos hospitais é até mesmo não é saúde física, mas saúde mental também então essas coisas eu acho que foi uma coisa assim meio pesada que eu não, não tinha noção de como que a gente realmente né, então eu vi casos de não digo só de depressão, mas casos assim de é...sobrenaturais sabe, e...é a gente acaba sendo assim é não só como tradutora, a gente trabalha com tradução, tal a gente acaba sendo assim tipo é a pessoa acaba se desabafando em cima da gente porque a gente né e acaba a gente acha eu fiquei assim como, é eu vi muitas histórias no Japão de coisas

> assim de doenças é... Assim como físicas que eu acompanhei nos hospitais tal, mas muitos problemas de cabeça né isso me deixou assim eu acho que foi a parte mais difícil, o resto fora a saudade da família né daqui né tudo foi.
> Entrevistador: Mas isto era causado pelo excesso de trabalho, tem ideia por que que afetava essa parte psiquiátrica?
> G.H.: Ai olha, cada caso foi um caso né porque diz que o Japão é um país que tem muitos esse lado espiritual problemas espirituais né, é problemas de como é nome? De alma, é eu não sei como que vocês acham sobre isso, mas é pensam sobre isso, mas é uma coisa assim que é japonês é um povo bastante espiritual na verdade né, eles acreditam e falam muito sobre isso né, mas eu vi uns brasileiros que tinham histórias assim que eu penso ó se eu fosse essa pessoa eu não ficava mais nesse lugar tipo assim né.
> Entrevistador: Mas você diz assim sensações no trabalho, na casa?
> G.H.: Na casa, no apartamento, no local de trabalho, mas assim né e que eu você falou né stress, depressão a carência também né é... né alguns comportamentos anormais de certas pessoas, então né coisas assim que eu nunca pensei que eu fosse é né de ver que nunca é, mas.

Por fim, ao lembrar da experiência de dekassegui, G. H. presentifica alguns hábitos adquiridos na sociedade japonesa que comumente são reproduzidos no cotidiano. G. H. fala do uso da panela elétrica, um artefato usual no preparo da refeição no Japão que a nikkei trouxe para o Brasil, pela praticidade e vantagem de manter o alimento aquecido por longas horas. Todavia, o cereal cozido, apenas com água, diferencia substancialmente em relação a gastronomia brasileira, de grãos soltos e temperados. Outro hábito que G. H. mantém presente na sociedade brasileira é de abaixar a cabeça continuamente quando fala pelo telefone, conforme atitude cultural do povo nipônico. Jeanne Marie Gagnebin (2001, p.91) diz que:

> A rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, particularmente a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente.

O historiador Pierre Nora (1993, p.21) criou o termo “lugares de memória”, assegurada por aspectos: “material, simbólico e funcional”, e a partir dos relatos pessoais das migrantes, torna-se evidente a apropriação do conceito com o movimento dekassegui, cujo fluxo levou e trouxe alguns objetos que interliga passado e presente, que além da utilidade funcional, simboliza vivenciar imaginariamente entre dois mundos. Porém, não se pode generalizar as práticas e atitudes, conforme depoimento de outra entrevistada, retornou e não

trouxe as quinquilharias para o conforto doméstico, com exceção de um "simples aparelho de som". Portelli (1998, p.106) diz que: "Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas, de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas".

Dentre as diversidades, a migrante (S.K.O.)5 conta que foi para o Japão em 1991 e ficou até 1995. Dois anos depois, em 1997, saiu novamente do Brasil e retornou em 1999. E, por fim, entre 2002 a 2003, período em que fez intercâmbio estudantil com uma universidade japonesa. S. K.O. relata que apesar de estudar a língua japonesa, sentiu certa dificuldade para se comunicar com os japoneses. No entanto, a facilidade de adaptação ocorreu por estar junto aos pais, conforme diz: "Como meu pai estava lá eu tava com a minha mãe eu não senti muita diferença, mas é... eu não senti eu acho". Outro fator determinante, segundo a entrevistada, foi por assemelhar biofisicamente com os nacionais, o estereótipo físico contribuiu para a adaptação.

> Entrevistador: E assim como que os japoneses viam os brasileiros, como que foi a tua experiência?
> S.K.O: Então , eu eles me confundiam com japonesa por isso eu acho que eu não sofri tanto, mas quem era mestiço ou não descendente sofreu mais.
> Entrevistador: Sofria descriminação?
> S.K.O.: É, também porque o jeito do brasileiro né quem fala alto dá risada alta, chama atenção né, japonês não gosta né então.
> Entrevistador: E você é mais introvertida?
> S.K.O.: É, porque eu sou de família japonesa então pra mim não tinha muita diferença né, acho que essa era a parte boa.

Entretanto, S. K. O. traz uma percepção do tratamento dado pelos japoneses conforme a procedência nacional de cada migrante, cuja atitude modifica conforme o status que o país ocupa a nível mundial. Ao indagar se houve alguma diferença de tratamento dos japoneses, comparando os brasileiros em relação a outros grupos étnicos, por exemplo, peruanos, chineses, iranianos ou outros grupos presentes na sociedade japonesa, S. K. O. aponta que: "É, preconceito tem, acho que mais principalmente quando não sabe falar o idioma japonês, mas é que nem o pessoal fala se fosse americano ou europeu o tratamento é diferente né, mas todos os outros daí é acho que é pior".

[5] Depoimento feito em agosto de 2011 na cidade de Curitiba. O nome da entrevistada será apontado com letras a fim de resguardar seu anonimato.

Nesse sentido, percebe-se que a recepção de grupos sociais depende da imagem que o Estado-nação ocupa internacionalmente por meio de projeção cultural, econômica e política no atual contexto mundial. Assim, a homogeneidade hipoteticamente imaginada de uma comunidade, acaba por fragmentar internamente a sociedade pelos interesses individuais e de alguns grupos atrelados as relações de poder. A partir disto, há previamente a postura de admiração e rejeição da comunidade japonesa em relação ao outro. Nas lembranças do cotidiano, a migrante conta sobre alguns costumes que caracterizavam os brasileiros, conforme citação a seguir:

> Entrevistador: Em relação a roupa assim você tinha algum hábito de pra que você pudesse mostrar a sua identidade brasileira?
> S.K.O.: O brasileiro lá é jeans né, você poderia reconhecer ele pelo pela roupa, mas mais pelo jeans.
> Entrevistador: Que tipo de jeans assim você poderia especificar?
> S.K.O.: É que o jeans do brasileiro é diferente você vê né o modelo que o japonês usa e o brasileiro, na época que eu fui pra lá tinha o bag calça bag e daí pela modelagem porque a modelagem brasileira é a mais justa né, dos japoneses é o modelo é diferente né você vê assim.
> Entrevistador: Mas alguma marca assim especifica ou não?
> S.K.O.: Marca não dá pra dizer né, a não ser que estivesse aparecendo, mas como eu trabalhei naquela loja de produtos brasileiros tinha da Zoomp na época M. officer essas marcas assim sabe.
> Entrevistador: E assim, outros costumes que você lembra é do Japão, o que você sente saudade?
> S.K.O.: Ofurô que era legal, lojas de conveniências nossa era tão pratico isso eu sinto falta acho que era mais fácil sentir falta, alimentação também que era tudo fácil por causa do (---) que tinha o Bentō (marmitex) tinha tudo na verdade né isso eu gostava e o horário de funcionamento deles que não fecha tudo no domingo né, cada loja tinha um dia da semana especifico pra fechar então se você fosse no centro sempre tinha alguma coisa pra você fazer diferente daqui né, isso que a gente vê de diferente.
> Entrevistador: Mas você trouxe assim muitos utensílios, por exemplo, a panela de arroz a elétrica.
> S.K.O.: Isso daí acho que minha mãe trouxe, eu trouxe de lá um aparelho de som simples, mas é o que eu tenho até agora que funciona.

Para finalizar, a dekassegui diz não pretender voltar ao Japão, a não ser que seja um trabalho relacionado com a língua japonesa, conforme diz:

> Entrevistador: Pretende um dia voltar ao Japão?
> S.K.O.: Só se for relacionado talvez com o idioma japonês né, se não acho que não.
> Entrevistador: Não pretende?

> S.K.O.: Bolsa eu já fiz né, então bolsa não sei lá, mas se fosse alguma coisa relacionada com o idioma japonês mesmo né talvez tradução alguma coisa assim daí sim senão, não tenho interesse, meu irmão caçula ainda ta lá é o único que ta lá né então não tem porque querer voltar, eu não tenho.

A migração brasileira para o Japão fez com que muitas famílias se distanciassem fisicamente, todavia, o avanço da tecnologia possibilitou a "aproximação do relacionamento humano" por meio virtual. R.S.I.[6] diz que conversa com os filhos semanalmente por *skype*, ela retornou em 2008 e trabalha com acabamento gráfico na cidade de Curitiba. Ao lembrar-se do tempo em que viveu no Japão, conta que a tranquilidade, a segurança e as amizades no espaço de trabalho são as gratificantes recordações deste período. Em 1993, junto ao companheiro e dois filhos, de dez e doze anos respectivamente, decidiram migrar como dekasseguis. R.S.I. menciona que da primeira vez que saiu do Brasil ficou por sete anos consecutivos, quando o planejamento pré-emigratório era trabalhar somente por dois anos. A nikkei menciona que a decisão de ir deu-se por razões financeiras e na tentativa de preservar o casamento, porém, onze anos depois rompera o relacionamento conjugal. Sobre o lado positivo e negativo deste movimento migratório, aponta que para muitos brasileiros, trabalhar no Japão possibilitou a conquista de objetivos materiais, porém, o distanciamento físico e temporal causou muitas separações entre cônjuges e também entre pais e filhos. R.S.I. vivenciou uma experiência bastante peculiar, pois conta que trabalhou por três anos na área rural, em uma granja.

> Entrevistador: E quais eram as atividades que você exerceu no Japão, conte assim um pouco a tua experiência.
> R.S.I.: Primeira vez foi trabalhei com fábrica de amianto é aqueles revestimentos de parede assim né, é que eu trabalhei em vários lugares né é injetora, fábrica de peças de automóveis, isopor e daí por ultimo fiquei três anos numa granja direto.
> Entrevistador: Área rural?
> R.S.I.: É área rural bem bom lá trabalhar lá.

Enfim, das três entrevistadas, duas práticas são comumente habituais entre as dekasseguis. A primeira refere-se ao consumo de determinados alimentos que lembrem certa semelhança à gastronomia japonesa. A segunda prática mencionada está no falar frequentemente a língua japonesa entre familiares ou em certas ocasiões sociais da

[6] Depoimento feito em agosto de 2011 na cidade de Curitiba. O nome da entrevistada será apontado com letras a fim de resguardar seu anonimato.

comunidade nikkei, encontros e situações que as três depoentes compartilham com bastante assiduidade.

Uma das entrevistadas dedica parte do tempo para trabalhar como professora de língua japonesa; outra trabalha como funcionária pública e também estuda na universidade federal para aprimorar a leitura e comunicação, e por fim, a terceira, que participa ativamente de diversas atividades culturais da comunidade nipo-brasileira na cidade de Curitiba.

Referências

Associação Brasileira de Dekasseguis. Disponível em: http://www.abdnet.org.br/conteudo.php?id=70. Acesso em: 18 de setembro de 2011.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. ROMANO, Rugiero. Enciclopédia Einaudi v. 5 - Anthropos - Homem. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985, p. 296-332.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SUGAHARA Sonoe. Permanentemente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão. R. bras. Est. Pop., São Paulo, v. 23, n. 1, p. 61-85, jan./jun. 2006.

GARCIA Canclini, Néstor. A globalização imaginada. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs). Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2001, p.85-94.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HAMASAKI, G. M. T. Entrevista com a professora G. M. T. H. [15 agosto 2011] Entrevistador: A. J. Sato. Curitiba, 2011. Projeto de pesquisa "O movimento sócio-cultural dos (dekasseguis) nipo-brasileiros: representações e "fronteiras" vivenciadas (1989-2000).

HOBSBAWM, Eric. J. A Era das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

ISHIKAWA, R. S. Entrevista com a nikkei R. S. I. [15 agosto 2011] Entrevistador: A. J. Sato. Curitiba, 2011. Projeto de pesquisa "O movimento sócio-cultural dos (dekasseguis) nipo-brasileiros: representações e "fronteiras" vivenciadas (1989-2000).

LESSER, Jeff. A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil – São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 19993, p.7-28.

OUCHI, K. S. Entrevista com a funcionária pública S. K. O. [15 agosto 2011] Entrevistador: A. J. Sato. Curitiba, 2011. Projeto de pesquisa "O movimento sócio-cultural dos (dekasseguis) nipo-brasileiros: representações e "fronteiras" vivenciadas (1989-2000).

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de história da PUC-SP. São Paulo: EDUC, fevereiro de 1997, vol. 14, p.25-40.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. FERREIRA, Marieta de M., AMADO, Janaína (orgs.). Usos & abusos da história oral. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1998. p.103-130.

Registered Foreigners by Nationality. Disponível em: http://www.stat.go.jp/english/data/nenkan/index.htm. Acessado em: 18/09/2011.

RICOEUR, Paul. História e Tempo. In: A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp. 2007.

_____. Tempo e Narrativa. In: _____. Tempo e Narrativa. A intriga e a narrativa histórica. Vol. 1. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010, p. 93-155.

Tracing The History Of The Rice Cooker. Disponível em: http://www.ricecookerfetish.com/2011/04/the-history-of-the-rice-cooker/. Acessado em: 04/08/2011.